

A QUESTÃO DA IDENTIDADE NO PENSAMENTO DE PAUL RICŒUR

*The Question of Identity
in the Thought of Paul Ricœur*

Antonia de Sousa Vieira Soares¹
Rikelme Feitosa dos Santos²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo abordar os aspectos constitutivos das identidades: “mesmidade”, “ipseidade” e identidade narrativa no pensamento do filósofo francês Paul Ricœur. As obras utilizadas são “O si-mesmo como outro” (2019), assim como artigos que corroboram com o tema. Partiremos da identidade pessoal como *self* para alcançarmos o ápice da identidade que, no pensamento de Ricœur, ocorre com a identidade narrativa, onde a história pessoal e social de cada indivíduo se entrelaça, conferindo sentido e continuidade ao longo do tempo.

Palavras-Chave: identidade; narrativa; Paul Ricœur.

ABSTRACT: This article aims to address the constituent aspects of identities: “sameness,” “selfhood,” and narrative identity in the thinking of French philosopher Paul Ricœur. The works used are “O si-mesmo como outro” (2019), as well as articles that corroborate the theme. We will start from personal identity as *self* to reach the apex of identity which, in Ricœur’s thinking, occurs with narrative identity, where the personal and social

¹ Graduada, mestra, e doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (Bolsista CAPES).

² Graduado em Filosofia pelo Instituto Católico de Ensino Superior do Piauí (ICESPI).

history of each individual intertwines, giving meaning and continuity over time.

Keywords: identity; narrative; Paul Ricœur.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo abordar os aspectos constitutivos da identidade pessoal e a necessidade que o ser humano tem de ser reconhecido. Ou seja, o reconhecimento de si e do outro implica de forma direta a questão da identidade, que transcende a mera identificação pelo nome e se manifesta em ações no mundo. Isto é, posiciona-se diante dos casos difíceis e encontra, de forma prudente, as melhores soluções. Para fundamentar essa discussão, nos debruçaremos sobre a obra do filósofo francês Paul Ricœur. No livro “O si-mesmo como um outro” (2019), no primeiro estudo, Ricœur elucida o conceito de identidade como uma referência identificadora; seguindo uma abordagem analítica, Ricœur recorre aos dêiticos como operadores de identificação. Os conceitos de “mesmidade” e “ipseidade” constituem a identidade, mas, para Ricœur, culminam na ideia de identidade narrativa, na qual a história pessoal e social de cada indivíduo se entrelaça, conferindo sentido e continuidade ao longo do tempo.

É justamente na identidade narrativa que Ricœur faz um deslocamento do sentido de identidade, colocando o sentido da subjetividade na ação. Desse modo, segundo Nascimento (2011), ele “opõe-se à tendência epistemológica de Descartes em fundar o eu no acesso imediato a seus estados anímicos”. Para além disso, a identidade narrativa que dá sentido às experiências se perpetua no tempo, em um processo contínuo de reconstrução da nossa identidade.

O artigo está dividido em três momentos: no primeiro, buscaremos entender a compreensão de Ricœur sobre a identidade pessoal e suas implicações. No segundo, analisaremos a identidade como *self*, termo usado por Ricœur em consonância com Charles Taylor. No terceiro tópico,

chegaremos ao ponto mais elevado da identidade, a saber, a identidade narrativa; é pelas narrativas que as histórias podem ser contadas, revelando, assim, a identidade de um povo, uma nação, perpetuando-se no tempo. Dessa forma, o filósofo francês sugere como mediação do paradoxo da identidade pessoal o conceito de identidade narrativa (Ricœur, 2006, p. 133). Para Ricœur, a identidade narrativa é a medianeira entre identidade-*idem* e identidade-ipse, e nela chega-se ao grau mais elevado (Ricœur, 2019, p. 145). É no nível da narrativa que identificamos o “quem” da ação, o qual pode questionar-se: “quem fez isso?”, ou ainda “quem sou eu?”. Ao encontrarmos o agente, podemos imputar-lhe moralmente a ação, sendo possível, assim, afirmar que a ação é dele, não de outro.

A COMPREENSÃO DE RICŒUR SOBRE A IDENTIDADE PESSOAL

Para sua análise, Ricœur (2019) tematiza os conceitos de “mesmidade e ipseidade”, que são próprios da identidade pessoal. Segundo o filósofo, a identidade (*idem*) é a identidade que resiste ao tempo, mesmo com as transformações que cada indivíduo sofre. A identidade (*idem*) permanece e se conserva. A essa categoria de identidade vinculam-se outros conceitos que auxiliam no processo de identificação, que são eles: o caráter, a memória e, de acordo com Prada (2015), os traços genéticos. A identidade (*idem*) ainda se vincula à identidade “numérica” e à identidade “qualitativa”. A identidade numérica corresponde à operação de identificação no sentido de reidentificação, de tal modo que conhecer é reconhecer. A identidade qualitativa, por sua vez, é a extrema semelhança (Ricœur, 2019, p. 115).

A dialética entre mesmidade, ipseidade e alteridade compõe as características da hermenêutica do sujeito, que responde à pergunta “quem?” e que se revela em quatro maneiras de interrogar: “quem fala?”, “quem age?”, “quem se narra?” e “quem é o sujeito moral da imputação?” (Ricœur, 2019, p. XXXI). Na esteira do pensamento de Nascimento (2011, p. 48),

Ricœur “delineia uma antropologia das capacidades humanas de ação — homem capaz”.

A questão da identidade é tematizada por Ricœur (2019) nas categorias de identidade pessoal e identidade narrativa. A identidade pessoal, segundo o filósofo francês, é constituída por dois conceitos, “mesmidade e ipseidade”, os quais se entrecruzam no processo dialético, culminando na identidade narrativa. Ricœur tematiza a identidade mesmidade (*idem*), a qual é a identidade que garante a permanência temporal. É justamente nesse sentido da “identidade mesmidade” que os filósofos analíticos interpretam a identidade pessoal, reduzindo a identidade apenas ao corpo e ignorando a ipseidade. Essa forma de pensar não faz sentido para Ricœur (2019), uma vez que o conceito de identidade é paradoxal e vinculam-se a este conceito a identidade numérica e a identidade qualitativa. Por um lado, a identidade numérica corresponde à unicidade, na qual ocorre a “identificação no sentido de reidentificação do mesmo de tal modo que conhecer é reconhecer”. Por outro lado, a identidade “qualitativa” é a semelhança, a qual vem em auxílio da identidade numérica no reconhecimento da pessoa em caso de grande distância temporal. Em outras palavras, a identidade qualitativa é a singularidade intrínseca do sujeito que resiste ao tempo e mantém o caráter e a promessa como termos fortes da permanência temporal que caracteriza a identidade *ipse* (Ricœur, 2019, p. 115-116).

A identidade ipseidade implica a permanência no tempo que já não é reduzida ao corpo como substrato, mas à ação. E assim é uma identidade mais condescendente e dinâmica, voltada para as relações, evitando que se volte ao “eu” como núcleo dos acontecimentos. Desse modo, vincula-se à pergunta “quem?”, sobrepondo-a à pergunta “o quê?”, para assim responder à pergunta “quem sou eu?”. Como já foi apontado, Ricœur resume em dois conceitos a permanência temporal: o conceito de “caráter” e o da “promessa”, sendo estes constitutivos próprios do ser humano que garantem a manutenção do si que, apesar das mudanças, é o mesmo, “comprovando a irredutibilidade recíproca das duas problemáticas” (Ricœur, 2019, p. 118).

Ricœur (2019, p. 121) afirma que “o caráter designa o conjunto das disposições duráveis pelas quais se reconhece uma pessoa”, porque estabelece a confiança na capacidade de cumprir a palavra dada. É a fidelidade à palavra penhorada o que mantém o sujeito na ligação temporal, a qual é manifestada pela memória na capacidade de lembrar. Porém, é no ato de narrar que as polaridades existentes entre identidade *idem* e identidade ipse são remediadas. O filósofo desenvolve a filosofia do sujeito como constituição ontológica do “homem capaz” à luz da linguagem, atribuindo-lhe os predicativos do sujeito que se autodesigna como o agente da ação. Assim sendo, o esforço do filósofo é articular o paradoxo da identidade pessoal à identidade narrativa na dialética das categorias “mesmidade e ipseidade”. Em corroboração, Carneiro (2017, p. 346) diz:

A elaboração filosófica acerca da noção de sujeito capaz no pensamento de Paul Ricœur se situa na passagem da semântica para a pragmática da linguagem. Do pronome pessoal ao pronome reflexivo com trânsito em todos os pronomes permitidos pela gramática. Um pronome que se auto identifica como sujeito dos seus atos. Neste sentido, Ricœur desenvolve uma hermenêutica do si; do sujeito que analisado pela filosofia descritiva conduz sua compreensão a partir da “dialética da individualidade e da identidade implicada”, por um lado e por outro, a “dialética da individualidade e da alteridade”.

Ricœur compreende o sujeito como uma multiplicidade. Essa multiplicidade pode ser descrita de várias formas e, ao recorrer à gramática, o sujeito é compreendido no plural. Desse modo, o sujeito está em constante transformação e necessita do outro para uma completude. Ao propor essa teoria, Ricœur perpassa as teorias filosóficas antagônicas do sujeito, tais como o racionalismo cartesiano, o qual reduz o sujeito ao ego.

Ricœur (2019) pensa um sujeito que não se reduz apenas a um corpo ou estado psíquico, mas “um sujeito que tem uma identidade capaz de ação e que vai se constituindo das propriedades pertencentes aos indivíduos

e aos indivíduos que se perguntam sobre si mesmos” (Carneiro, 2017, p. 346). Assim sendo, apropria-se das suas habilidades do si de agir no mundo, assumindo suas capacidades de deliberações éticas. Esse sujeito é consciente do “quem sou”, pois, ao perguntar-se “quem sou?”, sabe-se também em que posição pode responder e se colocar. Em outros termos, trata-se do horizonte dentro do qual o sujeito é capaz de tomar uma posição, pois é “dentro dos diversos contextos identitários que cada sujeito se posiciona para poder deliberar”.

A mesmidade garante a permanência temporal, como já mencionado, a qual é o local de ancoragem do sujeito, onde buscamos os traços de pertencimento com a finalidade de identificação e do reconhecimento do ser singular. Na obra *Entre dissimetria y reciprocidad. El reconocimiento mútuo segundo Paul Ricœur* (2015), Prada afirma que “a mesmidade se aplica aos aspectos mais resistentes à mudança: o genético, o fenótipo e o caráter. Trata-se do que se identifica com mais facilidade do outro em mim” (2015, p. 36). Os traços de permanência são parâmetros que levam ao reconhecimento da semelhança e são baseados na distinção de pequenas mudanças que ameaçam a semelhança, mas que o tempo não as destrói (Ricœur, 2019, p. 116).

Como um modo de exemplificar os traços de permanência, Ricœur recorre às narrativas míticas de Ulisses, herói homérico, quando retorna ao conforto do seu lar (Ricœur, 2006, p. 91). As marcas sofridas não apagaram o que lhe era único, o que lhe era próprio e singular. Em um simples gesto, Penélope o reconhece, porque existem particularidades do sujeito que são atestadas pelo coração.

Assim sendo, a identidade é um processo de reconhecimento, mesmo que existam transformações ao longo do tempo. A marca deixada na memória mantém o elo, o que garante que os sujeitos sejam os mesmos. A manutenção de si implica diretamente a realização da promessa e a valorização do compromisso assumido, pois, para o filósofo, é uma questão de fidelidade aos princípios interiores. A “palavra concedida” é o comprometimento do “quem” que deve cumprir a realização do pacto

mesmo com as adversidades do tempo, pois a confiança alimenta a esperança estabelecida sob a égide da amizade e do amor. Ricœur diz:

A palavra cumprida expressa uma manutenção de si que não se deixa inscrever, como o caráter, na dimensão do algo em geral, mas unicamente na do quem. [...] uma coisa é a persistência do caráter, outra é a perseverança da fidelidade à palavra dada. Uma coisa é a continuação do caráter; outra, a constância na amizade (Ricœur, 2019, p.124).

Assim, compreende que a promessa está intimamente ligada com a identidade, pois o cumprimento da palavra é a realização da ação humana e, é a inserção da identidade. A promessa é considerada, também, um elo fundamental nos processos de reconhecimento e a manifestação do ser que questiona “Quem sou eu?” ou ainda “Quem somos nós?”. Prada (2017, p.37) confirma o mesmo ao assertar:

Este desafio assume a forma de uma pergunta que aponta para a falha secreta que perpassa toda a subjetividade, falha que a impede de tomar conta do sentido das relações intersubjetivas: Quem sou eu, tão versátil, para que, no entanto, conte comigo? A palavra penhorada é, além de, uma palavra antes de outra que me incita a assumir, é uma palavra que, sendo minha, já não me pertence mais porque está agarrando-se à expectativa do destinatário.

É neste movimento de constância e inconstância que se encontra a vulnerabilidade do ser que carrega suas mazelas na construção da história de um ser singular, atribuindo suas significações e realizando as suas transformações ao mesmo tempo em que se revela e não deixa de ser a si mesmo. Ricœur, através da linguagem, tece os atributos que constituem a pessoa como um ser singular pertencente a um corpo e a um espaço para, depois, lhe atribuir o direito de fala. A pessoa é identificada como pessoa

por seu corpo e, depois, surge o nome como referência identificadora. O nome é a identificação e o referencial da atribuição à singularidade: “é esse, não outro” (Ricœur, 2016, p. 250). “Os nomes próprios limitam-se a singularizar uma entidade não repetível e não divisível, sem caracterizar, sem significar no plano predicativo, portanto, sem dar nenhuma informação sobre ela” (Ricœur, 2019, p. 5).

No final do primeiro estudo da obra “O si-mesmo como um outro”, Ricœur nos alerta que a referência identificadora pessoal não pode cair no solipsismo e tampouco no impasse da experiência pessoal, mas deve-se levar em consideração o estudo do “psíquico” como algo imputável a “cada um”; portanto, deve-se respeitar também a força lógica de cada um: a “mesmidade” é o elo singular de distinção do indivíduo, é o que caracteriza o “eu sou”, enquanto a “ipseidade” possui a capacidade dialógica que capacita o indivíduo para se autodesignar e se reconhecer como ser no mundo (Ricœur, 2019, p. 13).

SELF : CONSCIÊNCIA REFLEXIVA

O termo *self* é um conceito desenvolvido em outras áreas das ciências humanas com a finalidade de conceituar o sujeito, tendo, assim, o sentido de mim mesmo. Paulo (2018, p. 15) revela que “historicamente, consideramos o conceito de *self* derivado da tradição ocidental moderna e antiga que trata da concepção de ‘alma’, à qual se incluíam atributos intelectuais, morais e de identidade do indivíduo”.

Na modernidade, de acordo com Ricœur (2017, p. 113), o conceito de *self* é atribuído ao filósofo moderno John Locke. O *self* é o eu interior do sujeito que se autodesigna como um sujeito possuidor de um “estado de consciência” que perpassa o tempo em busca das memórias e as reflete no momento presente, sem alterar suas qualidades e características. A identidade em Locke é firmada na identidade como mesmidade.

Ricœur (2006, p. 133) afirma que, para Locke, a consciência é por si só um *self*. Assim sendo, mantém a distinção entre o conceito de *self* de Locke

e o ego de Descartes. Para o filósofo, em Descartes não há uma consciência e o *self* não é um “ego”. No tocante ao “ego”, Ricœur compreende que o sujeito assimila os constitutivos da identidade ao ser inserido na comunidade com valores morais, pois é nas trocas de experiências que formamos nossa identidade, e é nesta relação de trocas que o indivíduo pode escolher o que faz sentido para si próprio. De acordo com Oliveira (2019, p. 132),

[a] identidade, define-se essencialmente pela maneira como as coisas têm significações para mim. Portanto, somos um *self* quando nos movemos em certo espaço de indagações, porque buscamos e encontramos uma orientação para o bem (Oliveira, 2019, p.132).

Neste sentido, o conceito de *self* na modernidade sofreu alterações, uma vez que a “cultura moderna solapou muitas configurações tradicionais”. Essas configurações eram o que mantinha, como base sólida, a definição de nossa condição humana, e o processo de solapar torna difícil, na contemporaneidade, responder à pergunta: “quem sou eu?”. Esse é o entendimento do filósofo canadense Charles Taylor, pois

Saber quem sou é uma espécie de saber em que posição me coloco. Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou que me proponho. Em outros termos, trata-se do horizonte dentro do qual sou capaz de tomar uma posição (Taylor, 2013, p.44).

Desse modo, a estrutura formativa do *self* são as escolhas feitas pelo indivíduo. Assim, conforme Oliveira (2019, p. 7), Taylor compreende “que, quando um bem constitutivo de uma cultura não é articulado, corre-se o risco de perder fontes morais que alimentam a vida dos sujeitos”. Ao perder as referências culturais, o sujeito perde o sentido de pertencimento

à comunidade e perde a base sólida que define a sua identidade. Em consequência disso, surgem as patologias de identidade.

Ao perder o sentido dos símbolos originários das narrativas éticas, nega-se parte da identidade da comunidade de seres, pois eles sustentam a força interior que impulsiona os sujeitos para a ação, amparados pela linguagem em conversação com outros, o que mantém a “rede de interlocução” (Taylor, 2013, p. 59). “O imaginário social não se expressa apenas em termos teóricos, mas apoia-se em imagens e narrativas que nos guiam coletivamente e nos formam enquanto sujeitos pertencentes a uma comunidade” (Oliveira, 2019, p. 134).

Ricœur (2019, p. 17-18) levanta a seguinte questão: o que pode levar um sujeito a se autodesignar consciente, atribuindo sentido a si mesmo? Para haver consciência, necessariamente deve existir o outro, respeitando a “força lógica de cada um”.

Para o filósofo Charles Taylor (2013, p. 60), na modernidade, a concepção romântica do *self* traduz esse conceito em individualismo, o que não condiz com o sentido forte do termo, uma vez que “só se é um *self* no meio de outros. Um *self* nunca pode ser descrito sem referência aos que o cercam”. Para Ricœur (2019, p. 15-16), o *self* é entendido como um movimento da “ipseidade” que está diretamente ligado ao outro, por compreender que o sujeito só pode atribuir a si mesmo estados de consciência se também os atribui a outrem. Oliveira endossa que:

Ser um *self* é inseparável da existência num espaço de questões morais, que têm a ver com a identidade e com aquilo que devemos ser. Logo, seria preciso uma ética articulada por conceitos ontológicos, assumindo uma noção de bem socialmente representativa: o indivíduo “serve a um objetivo mais amplo que é o fundamento de sua identidade, pois ele só é quem é no contexto dessa vida mais ampla (Oliveira, 2019, p.133).

Desse modo, embora o *self* seja compreendido como o “eu interior”, ele é uma consciência reflexiva que parte das relações e da maneira pela

qual o sujeito interpreta e refigura os acontecimentos. Ainda que o *self* seja construído pela projeção do outro, esse processo ajuda na formação da autoimagem. Contudo, o indivíduo não perde sua singularidade de ser como ser insubstituível. Podemos entender que a formação da identidade é um processo dialético, no qual o “tu nasce do outro e o outro nasce do eu”, e é nessa relação do “eu”, “tu”, “ele” que formamos nosso eu interior, o qual nos determina como sujeitos. Ricœur (2019, p. 16) fala: “Não poderia falar de maneira significativa de meus pensamentos se não puder, ao mesmo tempo, atribuí-los parcialmente a outrem”.

Recorrendo aos operadores (eu, tu), Ricœur define o “quem” da individualização que primeiro formula a sua identificação (Ricœur, 2019, p. 5). A “pessoa de quem se fala, pois, o agente do qual a ação depende, tem uma história, suas próprias histórias” (Ricœur, 2019, p. 112). Cada um carrega suas histórias, e são essas histórias que possibilitam a narração, ressignificando o mundo. No processo de ressignificação, recorre-se à oposição entre “eu” e “tu” para conferir toda força à posição entre si mesmo e o outrem que não a si mesmo.

O outro faz parte do “eu”, mas mantém-se de forma distinta do “eu” porque responsabilidades diferentes são atribuídas a cada um. Nesse processo de reconhecimento, a identidade é o elo fundamental, uma vez que é a manifestação do ser que se narra, do sujeito capaz, que carrega suas mazelas na construção da história de um ser singular. É esse ser que atribui significações e realiza transformações ao mesmo tempo que se revela; não deixa de ser a si mesmo. Nessas ações, o ser manifesta o que Ricœur traduz como “mesmidade e ipseidade”, que caracterizam a identidade desse “homem capaz de falar, narrar, de imputar-se” (Carneiro, 2017, p. 347).

É na identidade (*idem*) na qual permanecem os traços deixados ao longo do tempo nas narrativas e nas histórias contadas sobre o “eu”, que, mesmo sofrendo de esquecimento, a memória deixada no outro pode referenciar sobre o sujeito que esqueceu sua própria história. “A perda da identidade da personagem corresponde, assim, à perda da configuração da narrativa e, em particular, a uma crise da conclusão da narrativa” (Ricœur, 2019, p. 156-157).

A conclusão do autor é que outro personagem pode assumir a narrativa a partir do ato já narrado e dar a ele uma nova refiguração. A capacidade do sujeito de criar e recriar é o que transcende e ressignifica a história.

Conforme Silva (2010, p. 2), “o sujeito apresentado por Ricœur não pode mais se comportar como o modelo clássico, a exemplo do sujeito soberano cartesiano e da humilhação nietzscheana”. Embora a tradição tenha sido ancorada no ser autossuficiente, o filósofo francês nos apresenta a importância das singularidades e do desenvolvimento de um olhar de copiosidade em relação ao outro. Um olhar baseado na alteridade e na solicitude de bem acolher o estrangeiro, por entender que a diferença nos faz crescer mutuamente, e sem dúvida é o despojamento para um aprendizado que surge nas vivências, erros, acertos e crenças que são tecidas nas relações. A alteridade consiste em aceitar o outro independentemente da sua linguagem, suas manifestações culturais e espirituais, uma vez que é nas diferenças que se estabelecem os constitutivos fortes da identidade.

CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NARRATIVA

Para Ricœur, a identidade narrativa é a medianeira entre identidade-*idem* e identidade-*ipse* e nela chega-se ao grau mais elevado (Ricœur, 2019, p. 145); é no nível da narrativa que identificamos o “quem” da ação, o qual pode questionar-se: “quem fez isso?” ou, ainda, “quem sou eu?”. Pois, ao encontrarmos o agente, podemos imputar-lhe moralmente a ação, podendo, assim, afirmar que a ação é dele, não de outro (Rosa, 2003, p. 27). Como já foi mencionado anteriormente, Ricœur parte do reconhecimento da identidade pessoal como atestação, que, por sua vez, é sobreposta pela identidade narrativa; sendo esta a identidade das relações inserida na esfera social e cultural, que se reconhece como agente pertencente a uma cultura.

Deste modo, ao identificar o “quem” da ação, reconhecem-se os elementos da narrativa que colaboram na constituição do sujeito “capaz

de se autodesignar significando o mundo” e que cria sentido à vida, interpretada pela narratividade das intrigas ocorridas no cotidiano. Essa capacidade de tecer relações no meio social o caracteriza como autor das próprias histórias, que, por sua vez, são produzidas com diferentes arranjos. Ricœur (2019, p. 112) esclarece que a perspectiva trabalhada na obra *O si-mesmo como um outro* tem como objetivo preencher a lacuna deixada em *Tempo e narrativa III* no que tange à identidade pessoal, evidenciando a importância da ação do sujeito que se estende no tempo e que marca a história. Em uma nota de rodapé, Ricœur esclarece:

A noção de identidade narrativa, introduzida em *Tempo e narrativa III*, respondia a outra problemática: no fim de uma longa viagem pela narrativa histórica e pela narrativa de ficção, eu me perguntei se existe alguma estrutura da experiência capaz de integrar as duas grandes classes de narrativas. Aventurei então a hipótese de que a identidade narrativa, seja de uma pessoa ou de uma comunidade seria o lugar buscado desse quiasmo entre história e ficção. Segundo a pré-compreensão intuitiva que temos desse estado de coisas, caso não consideremos mais legíveis as vidas humanas quando interpretadas em função das histórias que as pessoas contam sobre elas? E essas histórias de vida, por sua vez, não se tornam mais inteligíveis quando lhes são aplicados modelos narrativos- enredos —extraídos da história propriamente dita ou da ficção? [...] A questão do entrecruzamento entre história e ficção de algum modo desviava a atenção das dificuldades consideráveis ligadas à questão da identidade enquanto tal (Ricœur, 2019, p. 112).

O filósofo debruça-se sobre as relações entre o agente e suas ações, lançando luz sobre o si e as diversas maneiras de este se manifestar no mundo, suas capacidades de assumir, de modo reflexivo, suas responsabilidades e de descrever seus feitos. A ação do personagem incide diretamente no corpo que sofre as consequências dos atos do sujeito, o

qual compõe o enredo da narrativa que nem sempre é laureada com uma história apolínea, mas manifesta os aspectos trágicos deste ser que padece e luta para tecer e atuar em sua própria história “como pessoa singular responsável por seus atos” (Ricœur, 2019, p. 159).

Conforme Henriques (2013, p. 189), “o problema da identidade em Paul Ricœur é o do modo de conceber a permanência no tempo. No fundo, trata-se de pensar a configuração de um si-mesmo que é um ser no tempo, um ser que nasce, tem um processo de maturação e envelhece”. Nesse percurso, a identidade do sujeito é alcançada pela mediação da função narrativa (Ricœur, 2013, p. 265). É com a mediação da narrativa que podemos mensurar o tempo, uma vez que o tempo é a questão emblemática e que entrelaça três momentos: o tempo histórico, que se submete ao tempo cosmológico, e o tempo de ficção, este aberto à imaginação de forma ilimitada.

Sem a narrativa, o sujeito não poderia obter a noção espaço-temporal que ajuda a determinar os fatos, referenciando-os e atribuindo a imputação a cada sujeito. Desse modo, a compreensão do si passa a ser mediada pelas leituras históricas e pelas narrativas ficcionais para que a identidade não seja indeterminada, mas que se possa responder moralmente pelos atos praticados a qualquer tempo (Brito, 2020, p. 85).

O filósofo defende que a linguagem desempenha uma ação de revelar o locutor do ato, o qual se designa como responsável pelas suas práticas habituais (Ricœur, 2006, p. 114). A memória desempenha a função de ligação do presente com o passado na linha temporal. E, refigurando as histórias do passado, o sujeito formula novas narrativas mantendo a esperança no futuro; essa capacidade de transmutar os ocorridos e criar perspectivas forma os constitutivos identitários das personagens, já que “é personagem aquele que faz a ação na narrativa” (Ricœur, 2006, p. 115).

A função narrativa constitui os valores éticos estabelecidos ao longo do tempo no ato de narrar. As histórias contadas no percurso da vida do indivíduo ou de uma comunidade atravessam o limite entre história real e história ficcional. Os acontecimentos participam das características do enredo, fazendo a história avançar (Ricœur, 2019, p. 148). As narrativas

nos levam à compreensão de que as “vidas humanas são legíveis quando são interpretadas em função de histórias que as pessoas contam”. São as narrativas que transformam e que dão sentido à vida em busca de novas perspectivas. Ao contar as narrativas, elas se reproduzem e serão contadas com novos arranjos. Essa é a novidade: os arranjos bem feitos e bem narrados despertam e fomentam a intriga que dá o teor de novas narrativas. Ricœur diz:

Uma fenomenologia do homem capaz reterá desse desvio pela nar-
ratologia que cabe ao leitor de intrigas e de narrativas exercitar-se
em imaginar suas próprias expectativas em função dos modelos de
configuração que lhe oferecem as intrigas geradas pela imaginação
no plano da ficção (Ricœur, 2006, p.115).

A refiguração elaborada pelo indivíduo dá um novo sentido às his-
tórias contadas no percurso da humanidade. Essas histórias deixaram
as marcas que evoluem com o tempo e ficam para a posteridade como
um tesouro perdido. O filósofo observa a fragilidade da identidade pela
apropriação indevida, que é usada como instrumento de subordinação
com apropriação dos símbolos culturais. Nas palavras do autor:

As ameaças que atestam a fragilidade da identidade pessoal ou co-
letiva não são ilusórias: é digno de nota que as ideologias do poder
procurem, com um sucesso inquietador, manipular essas identidades
frágeis pelo viés das mediações simbólicas da ação, e principalmente
graças a recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração
narrativa, pois é sempre possível [...] narrar de um modo diferente
(Ricœur, 2006, 118).

Os cortes históricos que marcam a experiência vital corpórea dão
aos sujeitos dados memoriais para a produção das narrativas. Desse
modo, não se pode sobrepor a identidade aos acontecimentos bizarros,

uma vez que ela é formada por sucessivos eventos. Ricœur, na esteira do pensamento de Hume, apropria-se dos conceitos de imaginação e crenças. À imaginação é atribuída a faculdade de passar com facilidade de uma experiência a outra, transformando diversidade em identidade, e a crença supre o déficit da impressão (Ricœur, 2019, p. 129-130). O importante é não colocar as crenças como impedimento para novas vivências, uma vez que as experiências são fios condutores na formação da identidade e é como os sujeitos elaboram suas projeções no mundo, assim como não reduzir as pessoas ao psíquico e ao corpo.

Acerca da imaginação, esta é o veículo de refiguração com capacidade de assimilar e recriar as narrativas. Segundo Dosse (2017, p. 436), “não se narra por narrar, narra-se para atestar que algo em si é mais amplo do que o tempo e a finitude que ele impõe”. Em outras palavras, na narrativa podem-se perpetuar as histórias de vida, já que, mesmo quando essas histórias representam o trágico, elas suscitam o sujeito a pensar. É na narrativa que ocorre a união da identidade, o “quem” e o “o quê”, e não há confusão ou a supressão de uma pela outra. Para Ricœur (2019, p. 146), “a identidade, entendida narrativamente, pode ser chamada, por convenção, identidade da personagem”. Confirmando na seguinte citação:

a identidade da personagem se constrói em ligação com o enredo. A categoria da personagem, portanto, também é uma categoria narrativa, e seu papel na narrativa diz respeito a mesma inteligência narrativa do enredo. A questão então é saber com o que a categoria narrativa da personagem contribui para a discussão da identidade pessoal. A tese defendida é que a identidade da personagem é compreendida por transferência para ela da operação de composição do enredo antes aplicada a ação narrada, a personagem, digamos, é composta em enredo (Ricœur, 2019, p.149).

Com base nessa sequência elementar, torna-se possível compor o repertório o mais completo possível dos papéis, levando em conta uma

série de enriquecimentos referentes tanto ao sujeito pessoa quanto ao predicado-processo. Assim, é levada em conta a pré-compreensão que temos de que as narrativas são a respeito de agentes e de pacientes. Sobre esses sujeitos declara-se: “por minha vez, nunca deixo de falar do homem atuante e padecente. O problema moral, [...] insere-se no reconhecimento dessa dissimetria essencial entre aquele que faz e aquele que padece, culminando na violência do agente poderoso” (Ricœur, 2019, p. 151).

A identidade do sujeito que padece moralmente e que oscila entre uma série de papéis depende do efeito da ação; o agente se revela com as frustrações, alegrias, discrepâncias, com “méritos ou vítima de demérito” (Ricœur, 2019, p. 151). O filósofo francês pontua as razões pelas quais no enredo cabem as perguntas: quem? o quê? como? Com as respostas a essas interrogações, pode-se entender o sentido da história apesar do tempo, pois narrar é dizer “quem fez o quê, por que e como” (Ricœur, 2019, p. 153). A dialética consiste em que, segundo a linha de concordância, a personagem haure singularidade da unidade de sua vida considerada como totalidade temporal, também singular, que a distingue de qualquer outra (Ricœur, 2019, p. 154).

A pessoa é entendida como personagem de narrativa, não uma entidade distinta de suas experiências. Ao contrário, ela compartilha o regime da identidade dinâmica própria com a história narrada. A narrativa constrói a identidade da personagem, que pode ser chamada de sua identidade narrativa (Ricœur, 2019, p. 154), a qual intervém no mundo da ação prática.

Assim sendo, podemos entender que é na sutileza da narrativa que o leitor encontra a liberdade de refiguração do texto, assimilando-o dentro do contexto ético-moral em que cada sujeito é inserido, para assim identificar quem fez o quê, por que e como, e desta maneira “resolve a antinomia conferindo a iniciativa à personagem de começo, meio e fim de uma ação”, reconhecendo o sujeito da ação que estabelece no tempo a conexão entre esses pontos de vista. Também continua sendo verdadeiro que se podem descrever separadamente os predicados psíquicos tomados sem nenhuma atribuição a uma pessoa (o que é a própria condição da

descrição do psíquico), mas é na narrativa que se recompõe a atribuição (Ricoeur, 2019, p. 153).

A “mesmidade” e a “ipseidade” se consolidam de maneira efetiva na narrativa; pelo ato de narrar, o indivíduo se constrói e contribui para o desenvolvimento de outrem, uma vez que vivemos em uma interligação mútua. Ao narrar, deixamos rastros na memória que serão repassados e modificados, mas que continuam sendo contados. O imaginário é a possibilidade de inovar e criar oportunidades para o viver coletivamente de maneira mais justa, enquanto o ato narratológico significa a continuidade das memórias.

CONCLUSÃO

A fragilidade da identidade acontece por confundir o “quem” com o “quê”. Em vez de perguntar “o que somos”, devemos perguntar pelo “quem somos” (Ricoeur, 2016, p. 283). Conforme o filósofo, ao anular o “quem”, perguntando-se pelo “o quê”, o sujeito perde o suporte do *idem*, o ponto referencial de ancoragem. A importância da narração dos sujeitos, nessa perspectiva, reside no fato da articulação feita pelos sujeitos com o objetivo de dar corpo ao enredo. Os sujeitos, por sua vez, são abertos às diversas facetas da identidade, podendo adaptar-se às pluralidades. É assim que, no conceito de identidade narrativa, sendo justamente as narrativas que consolidam a permanência no tempo, abre-se espaço para as diversas manifestações identitárias.

Sendo justamente as narrativas que consolidam a permanência temporal, é a pluralidade que garante a constância e a inconstância da personagem no decorrer da narrativa. Há diversas maneiras de contar histórias, pois diferentes são as subjetividades, e cada um possui uma maneira singular de assimilar e contar as narrativas que formam a identidade individual, ética e moral do sujeito. Podemos entender que o sujeito apresentado por Ricoeur é um sujeito que se constitui nas relações com

o outro, o qual, em suas fragilidades, vai encontrando maneiras de lidar com o trágico da vida; é o esforço de ser e o desejo de existir, no qual se constituem a diversidade e a alteridade de “seres humanos capazes” de agir e de sofrer. Dentro das relações que são estabelecidas, o respeito é fator primordial no processo de reconhecimento das disparidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Herasmo de Oliveira. Esboço de uma poética de Ricœur: em busca de uma ética esquecida. In *Hospitalidade Hermenêutica na Filosofia de Paul Ricœur*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix; Universidade Federal do Piauí (Orgs.) CARNEIRO, José Vanderlei; SOUSA, José Elielton de; BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. EDUFPI, 2020. ISBN — 978-65-87424-29-3
- CARNEIRO, Hermenêutica da narrativa de ficção: a intriga como mediação de sentido. *Pensando*, vol. 4, nº 8, 2013.
- CARNEIRO, José Vanderlei. Da suspeição do sujeito à identidade narrativa: uma hermenêutica do sujeito capaz no pensamento de Ricœur. In CORREIA, Adriano (Org.). *Fenomenologia e hermenêutica*. São Paulo: ANPOF, 2017.
- DA COSTA OLIVEIRA, Juliano Cordeiro. Reconhecimento, religião e secularismo em Charles Taylor. *Veritas*, v. 64, n. 1, p. e30758-e30758, 2019. doi.org/10.15448/1984-6746.2019.1.30758
- DOSSE, François. *Paul Ricœur: os sentidos de uma vida (1913 — 2005)*. São Paulo: Liberars, 2017.
- HENRIQUES, Fernanda. A Ficção literária na perspectiva da identidade narrativa em Paul Ricœur. *Prometeus filosofia*, v. 6, n. 12, 2013.
- NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. Identidade pessoal e ética em Paul Ricœur: da Identidade narrativa à promessa e à

- responsabilidade. *Études Ricœuriennes / Ricœur Studies*, Vol 2, No. 2, pp. 48-62 .2011.
- PAULO, Gustavo Vargas de *O self como uma construção narrativa: identidade e ilusão na constituição do eu* (Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação Lógica e Metafísica, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2018.
- PRADA LONDOÑO, Manuel Alejandro. *Entre disimetria y reciprocidad: El reconocimiento mútuo según Paul Ricœur*. Bogotá: Editorial Bonaventuriana, 2017.
- PRADA LONDOÑO. La idea de reconocimiento en Hegel de Jena: Una lectura con Paul Ricœur. *Franciscanum*, Bogotá, n. LVII, p. 21-49, 2015.
- RICŒUR, Paul. *O si mesmo como outro*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2019.
- RICŒUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ROSA, José M. da S. Da Identidade Narrativa. P. Ricœur, leitor do livro XI de Confissões de Santo Agostinho. Coleção artigos *LusoSofia* Universidade da Beira Interior Covilhã, Portugal, 2009.